

Uma viagem ao centro do mundo

Um grupo de alunos de Jornalismo da UFMS vai cobrir a ECO92 e assiste de perto ao encontro que pode mudar o planeta.

Cerca de 50 manifestantes sentaram-se no chão do hall de entrada do Riocentro, protestando contra o presidente George Bush. Os guardas da ONU partiram para o ataque: deram empurrões, prenderam e forneceram um grande show para a imprensa. No meio do tumulto, o jornalista Lucas Mendes vira-se para o já apresentado grupo de estudantes da UFMS e incita: "Vocês não queriam notícia? Olha ela aí..."

A afeição pela matéria-prima da futura profissão deve ter sido mesmo o principal motivo que levou 22 alunos e a professora Ecilda Stefanello do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul a juntarem três ou quatro máquinas de escrever, mesmo número de máquinas fotográficas, laudas em branco, alguma economia pessoal e muita disposição para trabalhar (e sobretudo aprender) na cobertura da Conferência das Nações Unidas Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro. Foram 15 dias, 1.500 quilômetros longe de casa, mas perto do maior encontro de líderes mundiais do Pós-Guerra.

Logo que se acomodaram no Forte de Copacabana, em barracas cedidas pelo Exército, os acadêmicos entenderam: a Eco-92 não era uma discussão sobre os destinos do planeta. Era várias, e ao mesmo tempo. Literalmente, o Rio tinha virado os olhos e ouvidos do mundo. Para tentar entender a maior bagunça orga-

nizada do planeta, o grupo da UFMS fez o que pôde, contando com o apoio de rádio-amadores do Rio e de Mato Grosso do Sul.

Os alunos se dividiram na cobertura. Uns foram bater pernas e ouvir as reclamações, alertas, denúncias e discursos das ONGs no extenso Aterro do Flamengo, com seus 14 mil metros quadrados e um sol para carioca algum botar defeito. A biodiversidade das ONGs era para todo gosto, da bombástica Greenpeace a uma certa Associação dos Fabricantes Químicos de um país da Europa, que com certeza não alcançou grande Ibope entre os ecologistas. Do outro lado da cidade – muitos túneis, tanques e soldados do Exército depois – o segundo grupo da UFMS cobria a Cúpula da Terra no Riocentro, que o visitante desavisado podia confundir com uma Bolsa de Valores na hora do fechamento. Gente engravatada, com telefone celular e sempre apressada, era o que não faltava.

O fato de conviver algumas horas por dia com pessoas que na teoria e na prática, detinham o poder no mundo, causava certa sensação entre os alunos. Teve estudante que viu o Fidel Castro, Helmuth Kroll, o primeiro-ministro canadense Murroney e um punhado de gente que devia ser importante, mas ninguém sabia ao certo os nomes. A lista das celebrações continuava com Jacques Costeau, Pelé, Brizola, John Denver, Olívia Newton-John, Marcílio Moreira e Jane Fon-

da. O ítem jornalista brasileiro não ficou a dever. O aluno que conversava com um deles podia se dividir entre ser entrevistador e tiete – dependendo da preferência.

Paulo Henrique Amorim, Carlos Nascimento, Newton Carlos, Valéria Monteiro, Washington Novaes, Pedro Bial, José Arbex, passaram de fazedores de notícia à própria. A não ser o Fernando Gabeira, que nunca tinha tempo para essas coisas. E o Alexandre Garcia, que em três frases cortou o papo. Até o delegado Tuma e o governador Fleury deram uma palhinha para a turma.

A confusão babélica instalada na Rio-92 foi uma dificuldade extra para o trabalho dos alunos. O desconhecimento da língua oficializada, o inglês, não era apenas motivo de vexame mas, pior, fator decisivo para se perder uma boa entrevista. O jeito era apelar para um "portunholês", ou então deixar para a próxima. A língua inglesa se incorporou de tal forma ao evento que num determinado momento, numa das salas de imprensa montadas só para a conferência, até jornalistas brasileiros, distraídos, conversavam entre si em inglês.

Uma das partes mais deliciosas da coisa toda – especialmente para o grupo

da UFMS, embriões de jornalistas – era acompanhar o trabalho dos profissionais estrangeiros, que chamavam mais atenção do que os burocratas das delegações internacionais. A bordo de equipamentos sofisticadíssimos, as equipes de TV desfilavam em blocos pela Rio-92. Havia uma TV japonesa com pelo menos 10 pessoas formando uma única equipe: era um responsável pela checagem de som, outro para ver a iluminação, um terceiro para conferir a maquiagem e por aí vai. Já os fotógrafos, com seus canhões de lente pendurados no pescoço, podiam ser confundidos com os soldados da Marinha que cuidavam do Riocentro dia e noite.

Centro do Mundo, Torre de Babel, Território da ONU. A capital carioca foi um pouco disso tudo entre os dias 3 e 14 de junho. Para os alunos da UFMS em particular, foi até um pouco mais, um capítulo da história da humanidade que eles viram de muito perto. De resto, puderam confirmar que o Rio de Janeiro continua lindo, mesmo descontando os efeitos da operação plástica que desapareceu com grande parte dos mendigos prostitutas e meninos de rua da cidade.

Rubens Valentini

**FONTE: REPÓRTER RUBENS VALENTE - PROJÉTIL – JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFMS - ANO III – Nº 9 – CAMPO GRANDE – MS –
AGOSTO/92**

Nota do “escaneador”: São 3 as fotografias constantes da parte inferior da reportagem, mas não ficaram bem visível com o escaneamento. São fotos de estudantes de jornalismo da UFMS diretamente do “front” a saber, MARIA SOCORRO TAVARES passando a limpo o rascunho; ELIS REGINA C.NOQUEIRA recebendo aquela atenção especial da famosa personalidade “O Bejoqueiro” e, na terceira foto, a JOANICE PIERINI e o MANUEL PINO TORO entrevistando o global Lucas Mendes.